

O MODERNO **JÁ** PASSADO | O PASSADO **NO** MODERNO
reciclagem , requalificação , rearquitetura

ANAIS DO III SEMINÁRIO PROJETAR

porto alegre, 24 a 26 de outubro de 2007

Mesbla do Passeio: rearquitetura no Rio de Janeiro dos anos 40

Anna Paula Canez

Arquiteta, FARQ UFRGS 1989 Mestre PROPAR/FARQ UFRGS 1997

Professora e Coord. de Pesquisa FAU UniRitter - doutora PROPAR/UFRGS 2006

Rua Dr. Pio Angelo 45 – Porto Alegre – RS CEP. 91760300

fone (51) 32467869 fax 32467868 e-mail: acanez@terra.com.br

Mesbla do Passeio: rearquitetura no Rio de Janeiro dos anos 40

Erigido fronteiro ao Passeio Público, no Rio de Janeiro, e ocupando todos os limites do lote, o edifício da Mesbla desfruta de grande destaque em relação ao entorno arquitetural, pela massa edificada, mas, principalmente, pela torre do relógio, tão característica que se tornaria, depois de o edifício realizado, uma marca registrada da crescente corporação comercial que atua como um potente marco visual urbano, de grande efeito, em que pese estar parcialmente encoberto quando visto do Aterro, pelas árvores dos parques públicos. Trata-se de uma rearquitetura, um casamento perfeito, como costume dizer, para explicar o conjunto edificado indissociável formado pelo somatório do realizado entre 1934 e 1936 por Henri Sajous e o realizado por Arnaldo Gladosch, com data provável de construção entre 1948 e 1951. Representa uma mostra convincente do que se pode chamar de 'circulação de idéias', algo como uma via de muitas mãos que tomou conta da arquitetura moderna de um período alargado de produção, desde a primeira década do século XX, em grande parte reforçada, neste caso, pelas diferentes formações – alemã e francesa - dos dois arquitetos. O administrador da Mesbla - Luis La Saigne, principal personagem da empresa que se tornaria um gigante do ramo comercial, foi um cliente especial, incentivador do esmero arquitetônico encontrado no edifício residencial e loja da empresa projetada por Sajous e nas cinco lojas projetadas por Arnaldo Gladosch, uma em São Paulo, duas no Rio de Janeiro, incluindo a do Passeio e duas em Porto Alegre, que faziam parte de um conjunto maior, formado por inúmeras outras, realizadas por outros profissionais e espalhadas por todo o Brasil. Do conjunto indissociável da Mesbla do Passeio, o primeiro edifício a ser construído foi aquele projetado pelo arquiteto de formação francesa, Henri Sajous. A parte residencial com 15 pavimentos abrigava, no andar tipo, cinco apartamentos por andar. A torre do relógio demarca o acesso principal da parte residencial de 100 m de altura, balizada e salientada pelas sacadas da unidade residencial de menor área. A Loja Mesbla tinha loja de autos e salão de exposições e vazios para o térreo e as galerias. Uma composição típica de um grande número de edifícios Art Déco: corpo baixo, marcado por dominantes horizontais (no caso varandas semi-embutidas), violentamente contrastado com elemento vertical que assinala o acesso principal. A proposta de Gladosch, composta por dezessete pavimentos, distribuídos por três pavimentos de embasamento, doze pavimentos de corpo e dois pavimentos de coroamento, embora possuidora de uma unidade compositiva própria, pretendeu englobar aquela de Sajous, reforçando a percepção do conjunto. É necessário salientar que o edifício, que antes era de uso residencial e comercial, passou, com a reforma realizada por Gladosch, a atender exclusivamente às Lojas Mesbla, o que demandou de uma solução que compatibilizasse as diferenças. Aventurar-se na compreensão da arquitetura de um Arnaldo Gladosch ou de um Henri Sajous requer uma atenção especial à "circulação de idéias" ocorrida a partir de 1920, quando o Brasil se torna receptivo à modernidade e caminha para uma identidade nacional. Os brasileiros formados no exterior, como é o caso do paulista Arnaldo Gladosch, cuja sólida formação se deu na efervescente Alemanha da República de Weimar, ou do francês Henri Sajous, que aqui aportou e permaneceu por muitos anos, legaram uma importante contribuição, que ainda está por ser apreendida. A Mesbla do Passeio analisada no trabalho proposto retrata estas experimentações, ancoradas também nas formações distintas dos dois arquitetos. Não é difícil perceber quão francesa é a arquitetura do primeiro edifício de finais dos anos trinta e quão germânica é a arquitetura que incorpora aquela, no final dos quarenta, realizadas pelos dois arquitetos.

Palavras-chave: Arnaldo Gladosch, Arquitetura no Rio de Janeiro, Mesbla

Mesbla of the Sidewalk: rearchitecture in the Rio de Janeiro of the 40's

Erected bordering the Public Sidewalk, in Rio de Janeiro, and occupying all limits of the lot, the building of Mesbla has great highlight regarding the architectural surroundings, because of the built mass, but, mainly, because of the tower of the clock, so characteristic that would become, after the building was finished, a registered trademark of the growing commercial corporation that acts as a powerful visual landmark, of great effect, although partially hidden by the trees of public parks when seen from the Landfill. It is a rearchitecture, a perfect marriage, as I use to say, to explain the inseparable built mass formed by the addition of the part carried out between 1934 and 1936 by Henri Sajous and the part carried out by Arnaldo Gladosch, with probable date of construction between 1948 and 1951. It represents a convincing sample of what can be called 'circulation of ideas', like a road of many ways that took over the modern architecture of a period of widened production, since first decade of the 20th century, greatly reinforced, in that case, by the different backgrounds – German and French - of the two architects. The manager of the Mesbla - Luis Her Saigne, main character of the company that would become a giant of the commercial market, was a special client, motivator of the architectural meticulousness found in the residential building and the shop of the company designed by Sajous and in the five shops designed by Arnaldo Gladosch, one in São Paulo, two in Rio de Janeiro, including the one of the Sidewalk and two in Porto Alegre, which were part of a larger mass, formed by countless others, carried out by others professional and spread throughout Brazil. Of the inseparable built mass of the Mesbla of the Sidewalk, the first building to be built was that designed by the architect of French background, Henri Sajous. The residential part with 15 floors sheltered five apartments in each floor. The tower of the clock demarcates the main access of the residential part of 100 meters high, delimited and highlighted by the balconies of the residential unit of smaller area. The Mesbla Shop had cars shop and show room for expositions and empty spaces towards the ground floor and the galleries. A typical composition of a great number of Art Déco buildings: short body, marked by dominant horizontals (in this case the semi-built-in porches), violently contrasted with vertical element that designates the main access. Gladosch's proposal, which was composed of seventeen floors, distributed by three floors of foundation, twelve floors of body and two floors of crowning, although owning its own composing unit, intended to embody that of Sajous, reinforcing the perception of the assembly. It is necessary to highlight that the building, that had been of commercial and residential use, after the remodeling carried out by Gladosch, started to attend exclusively to Mesbla Shop, which needed a solution that could make the differences compatible. Adventuring in the comprehension of the architecture of an Arnaldo Gladosch or of a Henri Sajous requires a special attention to the "circulation of ideas" occurred from 1920, when Brazil becomes receptive to the modernity and walks for a national identity. The Brazilians graduated abroad, as is the case of the native of São Paulo Arnaldo Gladosch, whose solid formation took place in the effervescent Germany of the Republic of Weimar, or of the French Henri Sajous, that arrived here and remained for many years, bequeathed an important contribution, that is still yet to be learned. The Mesbla of the Sidewalk analyzed in the proposed work portrays these experiments, anchored also in the distinct backgrounds of the two architects. It is not difficult perceive how French is the architecture of the first building of the late thirties and how German is the architecture that incorporates that, in the end of the forties, carried out by the two architects.

Key-words: Arnaldo Gladosch, Architecture in Rio de Janeiro, Mesbla.

Mesbla do Passeio: rearquitetura no Rio de Janeiro dos anos 40

Cinelândia À guisa de introdução

Já foi o mais febril, múltiplo e vivo bairro do Rio de Janeiro.

Vivo, principalmente.

Onde o Rio não dormia

“Não há lugar onde o Rio seja mais carioca que a Cinelândia. Agitação, diversidade de tipos, mistura de gente de tantas procedências, comércio, cinema, teatro, música para todos os gostos, política de todas as tendências, boêmia de todas as horas, arte, cultura, arquitetura. O mundo.

Talvez esse cosmopolitismo pleno explique o fato de que, quando íamos ao encontro de todas essas luzes, dizíamos que íamos à Cidade.

Não a um lugar. Mas à Cidade, como se a Cinelândia resumisse o Rio e, por conseqüência, o representasse. O espaço público por todos é dividido.

De bonde, o carioca saía de seus bairros, qualquer bairro, e chegava ao Tabuleiro da Baiana, no Largo da Carioca, que se confundia com a própria Cinelândia, sendo mesmo uma de suas fronteiras - perímetro da Galeria Cruzeiro, da Livraria Freitas Bastos, do Café Nice, do Cinema Parisiense, do Cineac Trianon, da Loja Palermo, Irmão & Cia (com os melhores discos do mundo), da Leiteria Silvestre, do Clube Naval, do Jockey Clube.

Mas a Cinelândia, principalmente o chamado "Quarteirão Serrador", foi, acima de tudo, a nossa Broadway (ou aquilo que a gente pensava que fosse a Broadway), o lugar dos melhores cinemas da Cidade - o Odeon (em cujo prédio até hoje está a sede da empresa Luiz Severiano Ribeiro e, em uma de suas salas, o estúdio da Foto Preuss, que perpetuou o chuca-chuca de centenas de bem-nascidos bebês), o Império, o Pathé, o Capitólio (rival do Cineac, a garantir sempre que "a sessão começa quando você chega"), o Rex (no prédio do hotel com o mesmo nome), o Rivoli, o Vitória, o espetacular Palácio, o Metro Passeio e, já na fronteira sul, o Plaza e o Colonial.

Não nos esqueçamos de que, embora fosse uma cinelândia, havia ainda teatros de primeira: o Glória e o Rival, sem falar, é claro, no Municipal, sua jóia maior. E tínhamos também o Amarelinho (onde numa mesa de calçada Gary Grant namorou Ingrid Bergman, sem nunca terem vindo ao Rio), a Americana, o Hotel Serrador (em cuja boate, a Night and Day, Carlos Machado lançou alguns dos seus mais belos espetáculos), o Hotel Ambassador, o OK e o Itajubá, ninhos de mineiros vindos de todas as alterosas, o Grande Hotel, o Avenida...

No capítulo do comércio, tínhamos no território da Cinelândia aquela que desbancou a Notre Dame de Paris (na velha Rua do Ouvidor) como o maior magazine do Rio, a loja de Mestre et Blatgé, que simplificou seu nome para Mesbla. E, no capítulo da cultura e da política, a Biblioteca Nacional, o Museu Nacional de Belas-Artes, o Supremo Tribunal Federal e o Palácio Monroe, construído para o centenário da Independência, em 1922, tornando-se depois sede do Senado da República.

E o que dizer da boêmia da Cinelândia, sua razão de ser? A noite ainda ferve com o Cordão da Bola Preta. Serviu ela de palco para o desfile das grandes escolas de samba (final dos anos 50, começo dos 60) e para a apoteose das grandes sociedades carnavalescas, os préstitos - na Senador Dantas, por sinal, foi fundado o Clube dos Fenianos.

Como na Broadway, era quando a Avenida Rio Branco chegava a Cinelândia que os grandes eventos do Rio tinham o seu momento culminante: a parada de Sete de Setembro e dos colégios, durante o Estado Novo; o desfile dos Pracinhas da FEB, em 1945; a passeata dos Cem mil, em 1968; o coro pelo impeachment em 1992. Era o ponto em que, antes do satélite, os cariocas se reuniam para ouvir as partidas da Copa do Mundo, ou reverenciar seus ídolos, como Carmen Miranda, Francisco Alves ou Garrincha.

Como arquiteto, não posso deixar de lembrar ainda aos que estas linhas lerem que, na Cinelândia e arredores, podem ser apreciados alguns dos mais belos prédios do Rio, do

colonial ao neoclássico, do art-nouveau ao art-decò, e um espetacular chafariz, que já andou pela cidade toda e que, em boa hora, veio ocupar o espaço que era do Palácio Monroe, derrubado pela pobreza de espírito.

Como a todos acolhia em tão grande movimento, a Cinelândia não dormia, e na sua insônia o Rio revelava parte da sua alma como cidade.

A Cinelândia está agora renascendo.

Haverá uma nova Cinelândia - já há - e ela continuará a ser expressão dos traços mais fortes do espírito carioca. Como sempre foi. A Cinelândia é memória, história e futuro da Cidade do Rio de Janeiro”¹

Sajous e Gladosch: o casamento perfeito

Algumas histórias têm dois pedaços perdidos, assim como aquela estória da carametade, um aqui outro acolá, que permanecem à espera de um dia serem colados, grudados um ao outro. A história é uma collage, uma colisão de fragmentos inesperados de vida.²

Erigido fronteiro ao Passeio Público, no Rio de Janeiro, e ocupando todos os limites do lote, o edifício da Mesbla desfruta de grande destaque em relação ao entorno arquitetural, pela massa edificada, mas, principalmente, pela torre do relógio, tão característica que se tornaria, depois de o edifício realizado, uma marca registrada da crescente corporação comercial que atua como um potente marco visual urbano, de grande efeito, em que pese estar parcialmente encoberto quando visto do Aterro, pelas árvores dos parques públicos. Trata-se de uma rearquitetura, um casamento perfeito, como costume dizer, para explicar o conjunto edificado indissociável formado pelo somatório do realizado entre 1934 e 1936 por Henri Sajous³ (fig. 1) e o realizado por Arnaldo Gladosch, com data provável de construção entre 1948 e 1951 (fig. 2). Representa uma mostra convincente do que se pode chamar de ‘circulação de idéias’, algo como uma via de muitas mãos que tomou conta da arquitetura moderna de um período alargado de produção, desde a primeira década do século XX, em grande parte reforçada, neste caso, pelas diferentes formações - francesa e alemã - dos dois arquitetos.

¹ Texto de Luiz Paulo Conde extraído do Livro "CINELÂNDIA - Breve História de um Sonho" de João Máximo.

² FUÃO, Fernando Freitas. Prefácio. In: CHEVALLIER, Ceres. **Vida e obra de José Isella: arquitetura em Pelotas na segunda metade do século XIX.** p. VII.

³ Henri Sajous nasceu em 1887, na França, em Bordeaux e diplomou-se em 1930, pela Escola Nacional de Belas Artes de Paris.



Fig. 1 - Edifício Mesbla, Henry Sajous (1934 - 1936), Rio de Janeiro. Em destaque à direita Edifício Serrador (1944). Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.



Fig. 2 - Edifício Mesbla, Henry Sajous (1934 - 1936) e Arnaldo Gladosch (1948 - 1951 - data provável), Rio de Janeiro. Em destaque, o obelisco inaugurado em 1906 - marco da Av. Central, primeiro nome da atual Rio Branco. Fonte: COHEN, Alberto A; Fridman, Sergio A. **Rio de Janeiro ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Amazon, 1998. p. 36.

O administrador da Mesbla - Luis La Saigne, principal personagem da empresa que se tornaria um gigante do ramo comercial, foi um cliente especial, incentivador do esmero arquitetônico encontrado no edifício residencial e loja da empresa projetada por Sajous e nas cinco lojas projetadas por Arnaldo Gladosch, uma em São Paulo, duas no Rio de Janeiro, incluindo a do Passeio e duas em Porto Alegre, que faziam parte de um conjunto maior, formado por inúmeras outras, realizadas por outros profissionais e espalhadas por todo o Brasil.

Do conjunto indissociável da Mesbla do Passeio (figs. 3, 4, 5 e 6), o primeiro edifício a ser construído foi aquele projetado pelo arquiteto de formação francesa, Henri Sajous. A parte residencial abrigava cinco apartamentos por andar, com quarto, sala, cozinha e varanda, localizados do 3º ao 12º pavimento (tipos); 13º pavimento com apartamentos semelhantes aos dos andares inferiores; 14º e 15º pavimentos com dois apartamentos duplex, contendo quarto, sala, cozinha, varanda e dois ateliês, além de um pequeno apartamento (suíte) no 14º pavimento, com quarto, banheiro e varanda e a torre do relógio que demarca o acesso principal da parte residencial de 100 m de altura, balizada e salientada pelas sacadas da unidade residencial de menor área. A Loja Mesbla tinha loja de autos e salão de exposições e vazios para o térreo e as galerias.

Uma composição típica de um grande número de edifícios Art Déco: corpo baixo, marcado por dominantes horizontais (no caso varandas semi-embutidas), violentamente contrastado com elemento vertical que assinala o acesso principal. A torre do relógio tinha, aproximadamente, o dobro da altura do prédio e é o elemento mais destacado da composição dominando ainda hoje a paisagem ao redor. Em reforma posterior, o edifício recebeu o acréscimo de dois pavimentos sobre o bloco original e foi ampliado lateralmente. A mudança também alterou o seu uso, que de misto (residencial e comercial), passou exclusivamente a comercial. O conjunto arquitetônico manteve, contudo, a harmonia das proporções⁴.

A proposta de Gladosch, composta por dezessete pavimentos, distribuídos por três pavimentos de embasamento, doze pavimentos de corpo e dois pavimentos de coroamento, embora possuidora de uma unidade compositiva própria, pretendeu englobar aquela de Sajous, reforçando a percepção do conjunto.

⁴ CZAJKOWSKI, Jorge (Org.). **Guia da arquitetura Art Déco do Rio de Janeiro**. Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2000. p. 43.

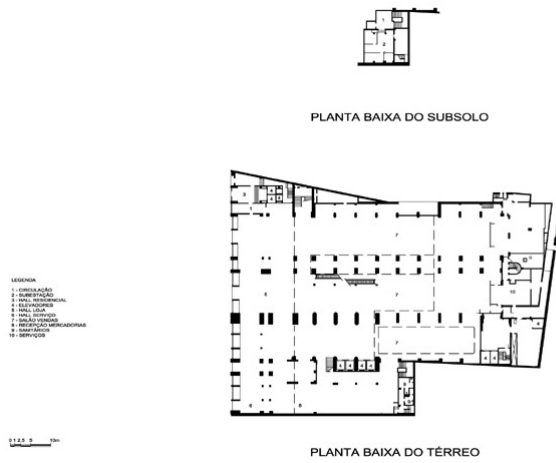


Fig. 3 - Planta baixa do térreo e subsolo

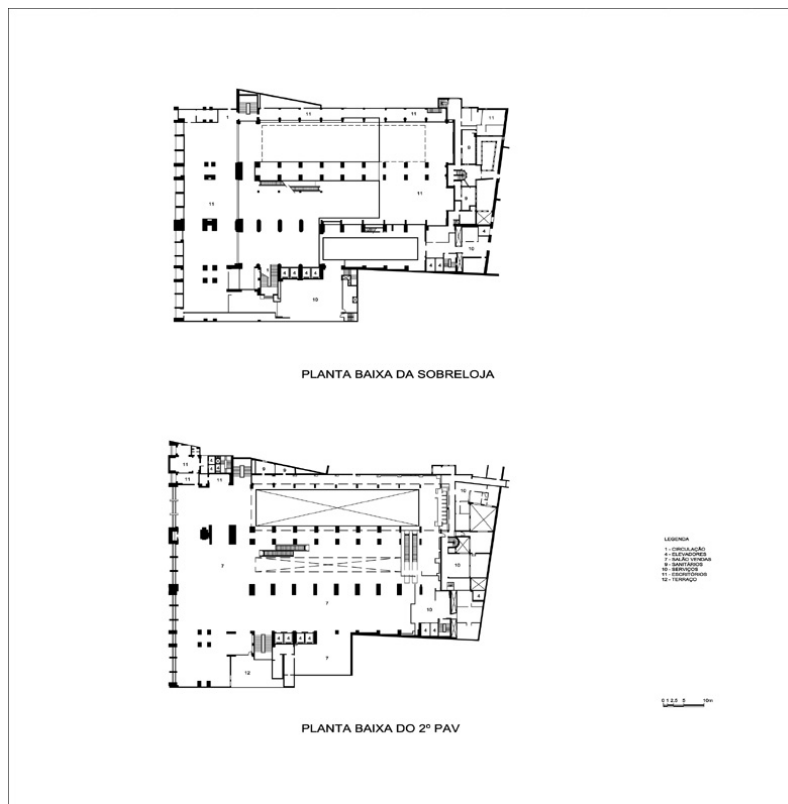


Fig. 4 - Planta baixa da sobreloja e 2º pavimento

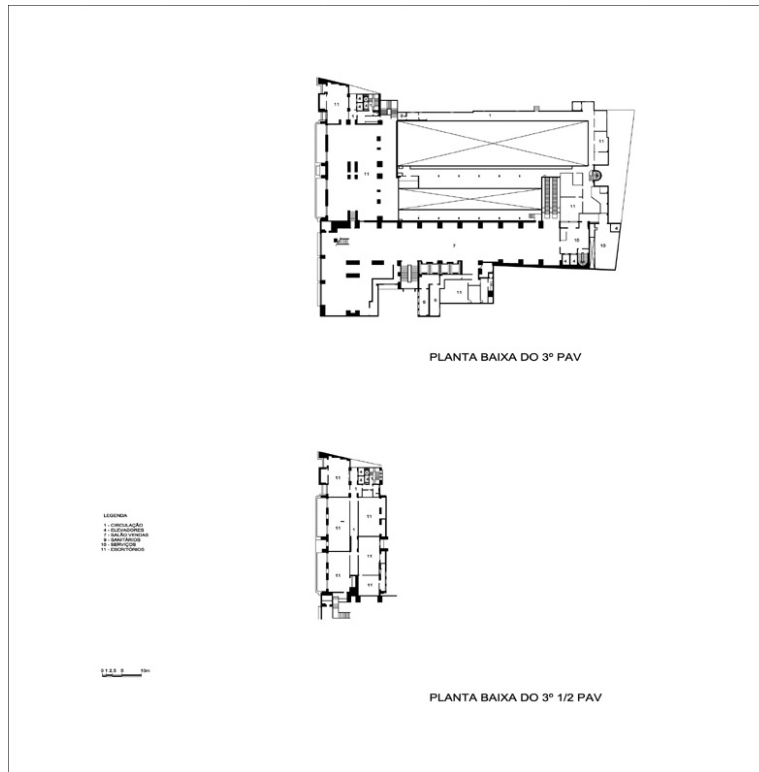


Fig. 5 - Planta baixa do 3º pavimento e do 3º ½ pavimento

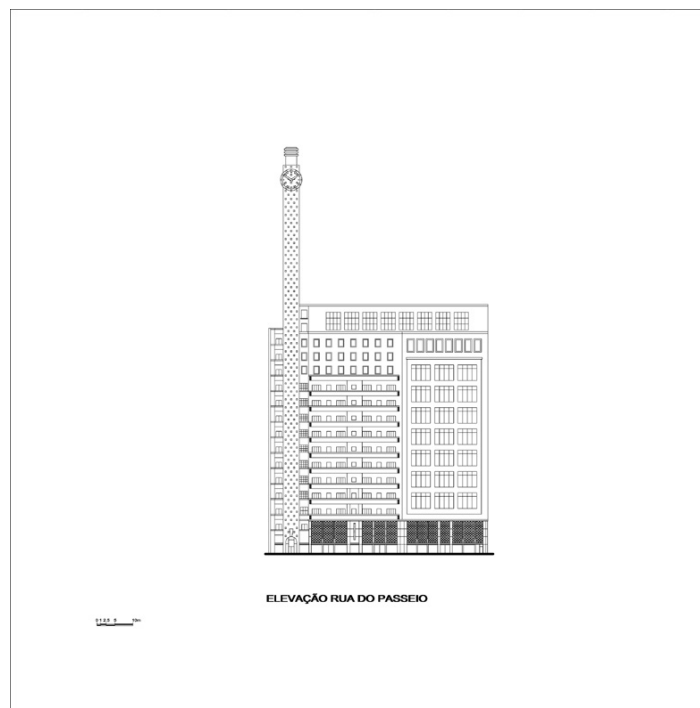


Fig. 6 – Elevação Rua do Passeio

O embasamento proposto repete a solução do prédio de Sajous, formado por panos modulados por pilares, com os do centro mais encorpados, e vedação por vitrines antecedidas por gradil em ferro que estiliza trançado em cordas. Finaliza o embasamento a marquise em concreto revestida por pastilhas cerâmicas. É necessário salientar que o edifício, que antes era de uso residencial e comercial, passou, com a reforma realizada por Gladosch, a atender exclusivamente às Lojas Mesbla, o que demandou de uma solução que compatibilizasse alturas diferenciadas de pavimentos – dos anteriores residenciais existentes de menor altura, com os comerciais propostos, que exigiram pé-direito maior.

O corpo mantém oito níveis revestidos em tijolos aparentes que equivalem, em altura, aos doze do prédio original. Os sete primeiros estão levemente ressaltados ao plano da fachada e mantêm, cada um, três grandes vãos em verga reta com peitoris salientes e esquadrias em ferro e vidro com quatro folhas de correr com bandeiras basculantes. O oitavo pavimento recebe também revestimento em tijolos aparentes, mantendo assentamento de topo em meio ao assentamento normal, o que cria interessante variação na textura. Esta característica se reproduz nas laterais do enquadramento dos vãos dos sete pavimentos inferiores. Neste oitavo pavimento há oito vãos de janelas em verga reta e com cercaduras em tijolos aparentes e esquadrias tipo guilhotina em ferro e vidro, com duas folhas. O coroamento mantém dois pavimentos revestidos de tijolos aparentes com oito grandes vãos de janelas retangulares com esquadrias de correr em ferro e vidro, mantendo quatro folhas e bandeiras fixas.⁵

A fachada voltada para a Rua do Passeio ordena as diferenças, tratando de manter o equilíbrio através do recurso do uso de perfurações mais generosas para o novo e coroamento único que abraça o todo. Arnaldo Gladosch procurou, desta maneira, um diálogo com o existente, resguardando as diferenças. O único momento em que a solução nova repete a antiga é no embasamento já referido. No restante do edifício, o novo, com identidade própria, serve para destacar o existente também por sua cor e textura diferenciada. Solução análoga foi dada por Erich Mendelsohn, Richard Neutra e R. P. Henning na reforma do edifício da Rudolf-Mosse-Haus em Jerusalemer Strasse (fig. 7), realizado em Berlim, no ano de 1920. A inovadora proposta,

⁵ CADASTRO de Bens Imóveis, Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Patrimônio Cultural, Divisão de Cadastro e Pesquisa, Fls. 76-85, Proc. N. 12/004117/94, Data 19/12/94 – Preenchido por Alberto Antonio Taveira.

[...] colocou por sobre a antiga fachada de arenito duas e três plantas adicionais que na esquina se fundem com o velho edifício até o nível da rua. O edifício não só servia a uma firma publicitária senão que era em si mesmo uma peça de publicidade. O efeito de shock estava calculado: o rude contraste formava parte das intenções de Mendelsohn.⁶



Fig. 7 - Reforma da Rudolf-Mosse-Haus na Jerussalemerstrasse e Schützenstrasse, Berlin, 1921-1923, Erich Mendelsohn, Richard Neutra e R. P. Henning. Fonte: Guilherme Werle.

Fomos juntos (éramos sócios neste período) a oficina dos proprietários do jornal mais importante da Alemanha daquela época. Havia que projetar a maior estrutura da cidade e se comentava que seria o edifício mais alto de Berlim. Todos os arquitetos tinham desejos de conseguir o contrato das obras, os proprietários possuíam um verdadeiro feudo, algo parecido ao de Randolph Hearst nos EE. UU.: era a cadeia de diários e revistas mais poderosa da Europa; tinha agências na Suíça e em muitos outros países, estavam por construir um grande edifício próprio para instalar nele as oficinas centrais, e podiam contar com uma dezena de arquitetos com só um mover de dedo. Todos os profissionais, inclusive o presidente da Sociedade de Arquitetos da Alemanha, haviam tratado de conseguir o trabalho. Todas estas pessoas, ou pelo menos a maioria delas, haviam executado esboços grátis, e nas paredes das oficinas colavam grandes painéis coloridos, sumamente elaborados. Quando o acompanhei a entrevista a esses grandes empresários, Mendelsohn tinha 27 anos, pronunciou o seu discurso e obteve a obra. (...) disse então aquela junta de diretores: 'Vocês necessitam alguém a quem não abrume um pesado fardo de experiência. Observem todos esses planos e desenhos; estão repletos das tediosas experiências do passado, a rotina de dias já idos. O que vocês necessitam é alguém totalmente inexperiente, como eu'. Intercalou com esta frase chistes oportunos e a expressão facial adequada, de maneira que todo o mundo se pôs a rir; interessaram-se muito por este rapaz tão ousado e lhe permitiram apresentar uma proposta. Se preparou o projeto e se obteve o trabalho.⁷

⁶ PEHNT, W. **La arquitectura expressionista**. Barcelona: Gustavo Gili, 1975.

⁷ NEUTRA, Richard. **Realismo biológico**. Un nuevo renacimiento humanístico en arquitectura. Buenos Aires: Nueva Visión, 1958. p. 128.

A obra a que Neutra se refere, realizada em parceria com os sócios Erich Mendelsohn e R. P. Henning, no início dos anos 20, é o edifício Mosse, localizado na importante esquina da Jerusalemstrasse com a Schützenstrasse. Trata-se da ampliação de uma editora jornalística, pertencente a Rudolf Mosse (na verdade quando da reforma ele já havia falecido e tal editora de jornais era dirigida por seu genro), que foi construída entre 1921 e 1923. O prédio original, de esquina, havia sofrido alguns ataques em função de revoltas em Berlim, em 1919, e a esquina ficara semidestruída. Rudolf Mosse e o genro, ao verem o projeto do Observatório de Potsdam, publicado nas páginas dos seus jornais, decidiram que também gostariam de ter um edifício com a assinatura de Mendelsohn. O interessante é que os primeiros croquis de Mendelsohn foram realizados em um programa de um concerto musical. Após a 2ª Guerra Mundial este edifício ficou praticamente abandonado, sendo bastante descaracterizado, depois foi recuperado.

A solução projetual apresentada previa uma costura com a ruína existente. O novo, dois ou três pavimentos, construídos sobre as antigas fachadas de arenito, forma também nova esquina, que encerra a composição até o nível da rua. O que distingue, nesta fusão arquitetônica, o novo do velho é o contraste de predominância horizontal com predominância vertical, de diferentes texturas, de diferentes proporções. O edifício, segundo a análise de Pehnt, não só servia a uma empresa publicitária, senão que era, em si mesmo, uma peça publicitária. O efeito de *shock* estava calculado: o rude contraste formava parte das intenções de Mendelsohn: existe movimento em todas as direções⁸.

Na Mesbla Rio, Gladosch brincou com a variedade das janelas, diferentemente do que ocorreu no Sulacap, em que só um tipo de janelas foi utilizado. Vê-las, nas fachadas dos dois edifícios, em mesma escala, nos faz pensar novamente nos olhos da arquitetura: olhos mais abertos, olhos salientes ou profundos, outros quase fechados ou rasgados, grandes e pequenos olhos e, até mesmo, nos diversos falsos olhares do gracioso detalhe em *petit-pois* estampado em alvenaria saliente na torre da Mesbla do Passeio, realizada pelo francês Sajous, detalhe que Arnaldo Gladosch retoma na parte ampliada, realizada por ele, desta vez em tijolos de bonitas cores, deixados à vista. Pode-se imaginar, se nos deixarmos levar pela poética, que a inspiração vinda do Passeio Público, localizado bem à frente do edifício, exigia a apreciação de todos, de todos os olhares, como no tempo em

⁸ PEHNT, Wolfgang. **La arquitectura expresionista**. Barcelona: Gustavo Gili, 1975. p. 124.

que “[...] a vegetação e o panorama do seu terraço deslumbraram os visitantes estrangeiros mais sensíveis”⁹.

*O olho mede a distância e o tamanho das estrelas; encontra os elementos e suas localizações; ele... Deu origem à arquitetura, a perspectiva, e a divina arte da pintura. [...]. Que povos, que línguas poderão descrever completamente sua função! O olho é a janela do corpo humano pela qual ele abre os caminhos e se deleita com a beleza do mundo.*¹⁰

A estratégia de utilizar diferentes planos, como fachadas superpostas, cada uma com sua própria proporção e forma de aberturas, quase como edifícios superpostos, aponta para uma composição que quer se desvincular do clássico - ordenado nas partes e ordenado no todo. Gladosch mantém a ordem de cada parte, mas desordena o todo. Variedade parece ter sido a palavra de ordem, a mesma variedade de perfurações e de edifícios de diferentes alturas, que quando juntos reconhecemos como símbolo da metrópole.

O cliente, Luis La Sagne, como já foi dito, prezava o esmero arquitetônico, fato que pode ser perfeitamente percebido, nos interiores da Mesbla do Passeio, através das fotografias da época em que o edifício abrigava o magazine e mantinha as suas características originais (figs. 8 e 9). Os vazios de forma retangular organizam o espaço e recebem iluminação zenital e lateral, os peitoris metálicos seguem o desenho dos gradis das portas principais, voltadas para a Rua do Passeio, mantendo uma unidade nos elementos de arquitetura. A parte de madeira do mesmo peitoril é robusta, principalmente nos pavimentos de uso do cliente, onde são utilizados por muitas pessoas: ali se apresentam quase como de um ambiente externo, de rua, o que de fato a loja é, como uma extensão do espaço público. Impressiona também o detalhe dos pilares de base aquadrada que contornam o vazio, no limite da circulação, com cantoneira de madeira que protege e, ao mesmo tempo, delimita a área de mesas de trabalho, horizontalizando o espaço assim; o pé-direito alto, normalmente uma exigência do programa comercial, fica amenizado, proporcionalmente, pelo detalhe escuro sobre o pilar claro. Pode-se acrescentar que a solução dada desta maneira para o vazio recorda o cuidado de Frank Lloyd Wright no *Larkin Building*.

⁹ SEGAWA, Hugo. **Ao amor do público**: jardins do Brasil. São Paulo: Studio Nobel, FAPESP, 1996. p.77

¹⁰ Leonardo Da Vinci



Fig. 8 – Edifício Mesbla, Arnaldo Gladosch, Rio de Janeiro. Vista interna do vazio e administração.
Fonte: Henrique de Botton.



Fig. 9 - Edifício Mesbla, Arnaldo Gladosch, Rio de Janeiro. Vista interna do vazio e administração.
Fonte: Henrique de Botton.

Uma das questões centrais para Gladosch: a imagem do edifício é uma imagem de cidade. Na Mesbla do Passeio, a noção de cidade é reforçada pelos diferentes planos, ou

diferentes edifícios, cada um com sua solução de janelas, de perfurações com formas e proporções distintas, como um conjunto de edifícios que aparecem em diferentes alturas e profundidades – a arquitetura confirma, assim, figurativamente, a cidade (fig. 10).



Fig. 10 - Edifício Mesbla, Henry Sajous (1934 - 1936) e Arnaldo Gladosch (1948 – 1951 - data provável), Rio de Janeiro. Em destaque à direita Edifício Serrador (1944) e no centro da fotografia, o obelisco inaugurado em 1906 – marco da Av. Central, primeiro nome da atual Rio Branco. Fonte: Ensaio fotográfico de Carlos Sechin In: MÁXIMO. João. CINELÂNDIA - Breve História de um Sonho. Rio de Janeiro: Salamandra, 1997. p. 196.

Aventurar-se na compreensão da arquitetura de um Arnaldo Gladosch ou de um Henri Sajous requer uma atenção especial à “circulação de idéias” ocorrida a partir de 1920, quando o Brasil se torna receptivo à modernidade e caminha para uma identidade nacional. Os brasileiros formados no exterior, como é o caso do paulista Arnaldo Gladosch, cuja sólida formação se deu na efervescente Alemanha da República de Weimar, ou do francês Henri Sajous, que aqui aportou e permaneceu por muitos anos, legaram uma importante contribuição à arquitetura, que ainda está por ser apreendida. A

Mesbla do Passeio retrata estas experimentações, ancoradas também nas formações distintas dos dois arquitetos. Não é difícil perceber quão francesa é a arquitetura do primeiro edifício de finais dos anos trinta e quão germânica é a arquitetura que incorpora aquela, no final dos quarenta, realizadas pelos dois arquitetos.

Referências Bibliográficas:

CADASTRO de Bens Imóveis, Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Patrimônio Cultural, Divisão de Cadastro e Pesquisa, Fls. 76-85, Proc. N. 12/004117/94, Data 19/12/94 – Preenchido por Alberto Antonio Taveira.

CONDE, Luiz Paulo. Onde o Rio não dormia (Prefácio). In: MÁXIMO, João. **CINELÂNDIA** - Breve História de um Sonho. Rio de Janeiro: Salamandra, 1997.

CZAJKOWSKI, Jorge (Org.). **Guia da arquitetura Art Déco do Rio de Janeiro**. Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2000.

FUÃO, Fernando Freitas. Prefácio. In: CHEVALLIER, Ceres. **Vida e obra de José Isella: arquitetura em Pelotas na segunda metade do século XIX**. p. VII.

NEUTRA, Richard. **Realismo biológico**. Un nuevo renacimiento humanístico en arquitectura. Buenos Aires: Nueva Visión, 1958

PEHNT, W. **La arquitectura expressionista**. Barcelona: Gustavo Gili, 1975.

SEGAWA, Hugo. **Ao amor do público: jardins do Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, FAPESP, 1996.